

RESENHA

*Filipe Costa Fontes**

MCGRATH, Alister. **O Pensamento da Reforma**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, 352p.

O Dr. Alister E. McGrath já é bastante conhecido no cenário teológico brasileiro. Historiador, teólogo e professor na Universidade de Oxford, possui vários livros já traduzidos para o português. Ele se destaca, dentre outras coisas, pela abrangência de suas pesquisas, que além de versarem sobre história e teologia, tratam da relação entre a fé cristã e o campo científico, no qual ele também tem formação do período anterior à sua conversão.

Como o próprio título revela, *O Pensamento da Reforma* é um livro que se propõe a um grande desafio: resumir as principais ideias desse movimento cujo principal marco histórico completa agora 500 anos e que transformou não apenas o modo de se fazer teologia e ser igreja, mas a vida do mundo ocidental de uma forma geral. A obra cumpre esse desafio com excelência, embora ressalvas sempre possam ser feitas em tentativas desta magnitude.

O pressuposto central com o qual McGrath trabalha é o de que a Reforma foi, fundamentalmente, um movimento impulsionado por ideias religiosas, e não por interesses de natureza econômica, política ou social, como as análises feitas a partir de categorias contemporâneas parecem querer mostrar.

Sua estrutura é bastante fluida. Alguns capítulos são mais históricos. É o caso do segundo, cujo título é “O cristianismo no final da Idade Média” e tem como objetivo central contextualizar a origem da Reforma, ou do capítulo 5, intitulado “Os reformadores: uma introdução biográfica”, que apresenta uma breve biografia de alguns dos principais personagens da Reforma Protestante:

* Mestre em Teologia Filosófica pelo CPAJ e em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção; graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição; professor assistente de Teologia Filosófica no CPAJ.

Martinho Lutero (1483-1546), Ulrico Zuínglio (1484-1531), Filipe Melancton (1497-1560), Martin Bucer (1491-1551) e João Calvino (1509-1564). Outros são mais descritivos. Eles procuram descrever o pensamento da Reforma a respeito de vários assuntos. É o caso dos capítulos 7, 8, 9, 10 e 11, que tratam, respectivamente, sobre o pensamento da reforma a respeito da doutrina da justificação pela fé, da igreja, dos sacramentos, da predestinação e da política. E outros capítulos são mais analíticos. Eles procuram perceber as relações que a Reforma guarda com outros movimentos do período, como o humanismo (capítulo 3) e o escolasticismo (capítulo 4). Essa fluidez estrutural do livro, ao oferecer ao leitor a possibilidade do contato com diferentes tipos textuais, pode tornar a sua leitura mais leve e mais agradável.

O Pensamento da Reforma se destaca por duas qualidades. A primeira é a sua natureza didática. McGrath possui uma preocupação com a definição de termos e a distinção entre eles, bem como com a relação entre os conhecimentos, o que torna o livro um mapa bastante seguro para o leitor que começa a andar pelas trilhas do pensamento da Reforma. Um exemplo do que afirmamos nesse parágrafo é o capítulo 1, cujo título é “A Reforma: uma introdução”, no qual, ao encontrarmos explicações sobre as razões pelas quais o termo “reforma” pode ser usado para designar o movimento a que se refere, somos apresentados aos diferentes movimentos aos quais o termo pode se referir e a distinções entre termos como “reformados”, “protestantes” e “calvinistas”, por exemplo. Outros exemplos dessa natureza didática da obra são a inclusão de um glossário ao final, incluindo até mesmo a definição de termos teológicos como “cristologia”, e a de um índice onomástico, que é fundamental numa obra dessa dimensão.

Além de se destacar pela natureza didática, *O Pensamento da Reforma* se destaca pelo seu rigor histórico e conceitual. A natureza didática do livro não o torna simplista, como poderia acontecer. Embora seja um texto introdutório, ele também contribui para o aprofundamento de nossa visão sobre a Reforma e suas ideias. Um exemplo desse rigor pode ser verificado no fato de que, ao mesmo tempo em que busca encontrar uma espécie de unidade que perpassa o pensamento reformado a respeito de um determinado assunto, McGrath faz questão de apontar as divergências que os diversos reformadores ou correntes da Reforma tinham entre si. É ilustrativo desse ponto o capítulo sobre política (capítulo 11), no qual a distinção entre os reformadores magistras (aqueles que se valeram dos magistrados para efetivar a Reforma em uma cidade ou região) e os reformadores radicais (aqueles que se afastaram completamente do poder político) é trabalhada com profundidade.

Por essas razões, o livro pode ser útil a dois grupos de pessoas. Primeiro, a todos aqueles que desejam conhecer a Reforma e seu pensamento. Em virtude de sua natureza didática, o livro pode funcionar como uma boa introdução e os professores de seminários, inclusive, poderiam valer-se dele com muito

benefício para os primeiros passos de seus alunos pelas estradas do conhecimento sobre a Reforma. Depois, a teólogos, pastores ou cristãos em geral, interessados em teologia, e que já foram introduzidos ao assunto, mas buscam aprofundamento. Esses também podem valer-se dele.

Os pesquisadores poderão lamentar a ausência de demonstração de um uso maior de fontes primárias, visto que o livro, de fato, não é um livro repleto de citações bibliográficas. Porém, eles poderão ser enriquecidos por uma extensa lista para leituras adicionais por capítulo, apresentada ao final do livro, ressalvado o fato de que boa parte dessa bibliografia não está traduzida para a língua portuguesa. Recomendamos a leitura de *O Pensamento da Reforma* a todos os que desejam conhecer e se aprofundar no conhecimento dessas ideias que influenciaram o mundo e moldaram a sociedade.